

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES



Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Vida Literária

Berdiaev e a criação artística

«O sentido da criação», livro começado em 1911, amadurecido durante uma viagem à Itália na quase extasiada contemplação das grandes obras da Renascença, e publicado em 1914, só agora foi traduzido para o Ocidente (1). Trata-se, de facto, de um livro importante. Relativamente, e em si. De facto, «O sentido da criação» não só se antecipa, de forma extraordinária, a certas correntes existencialistas e escatologistas, hoje dominantes, como contém, *in nuce*, e com uma intensidade e estrutura jamais, ao adiante, por Berdiaev conseguidas, todos os grandes temas do seu filosofar: o tema da liberdade, o tema da pessoa, o tema do acto criador. Por isso o autor o amava mais que a nenhum outro de seus filhos, como o confessou na *Auto-biografia espiritual*.

(Continua na página 7)

SE...

Se souberes estar sereno quando todos em volta
estão perdendo a cabeça e te lançam a culpa;
Se estiveres confiante, quando de ti duvidam,
mas souberes desculpar que duvidem de ti;
Se fores capaz de esperar sem perder a cabeça
E se caluniado, a ninguém calunias;
Se quando te odiarem não odiarem também,
Sem querer ser superior nem parecer bom demais;

Se tu souberes sonhar e não viver de sonhos
E se souberes pensar sem deixar de agir,
E puderes defrontar o Triunfo e o Desastre,
tratando-os por igual como impostores que são;
Se suportares ouvir verdades que disseste
torcidas por velhacos para convencer ingénuas;
Se vires desfeito aquilo para que tens vivido
e o construíres de novo com ferramentas gastas;

Se és capaz de juntar tudo que tiveres ganho
para tudo arriscar numa cartada só,
E se souberes perder e começar de novo
sem palavra dizer da perda que sofreste;
Se consegues que nervos, braços e coração
te vão servindo sempre, mesmo que já exaustos,
E se seguires para a frente quando já não tens nada
a não ser a vontade intensa de vencer!...

Se ao falar com as massas não perderes a virtude
E de privares com reis não deixares de ser simples;
Se amigo ou inimigo não puder melindrar-te;
Se contigo contarem mas sem de ti disporem;
Se souberes preencher o minuto que passa
com sessenta segundos ultimamente vividos,
— É tua a Terra inteira e tudo que ela tem
E — o que é mais ainda — és um homem, meu filho!...

Rudyard Kipling

A Família dos Trabalhadores na consciência dos Patrões

Pelo DR. MÁRIO NORTON

III

ALÉM da França, o país que melhor acolheu a política familiar e mais depressa aplicou o processo das caixas de compensação, foi a Bélgica.

O interesse desde logo manifestado pelos patrões belgas, tocados na consciência dos seus deveres para com os trabalhadores, bem se pode aproximar e até igualar ao revelado pelos franceses.

Movimento de inspiração religiosa como dizia Victor Guesdon não admira que tivesse tão franco acolhimento em nações católicas por excelência.

A primeira Caixa Belga entrou a funcionar no dia um de Março de 1921, e chamou-se: «Caixa de Compensação para subsídios familiares e seguros sociais, de Verviers». Esta Caixa era de carácter regional.

«No dia 1.º de Dezembro de 1929, informa-nos Bonvoison e Maignam na sua obra — *Allocations Familiales et Caisses de Compensation* — a Bélgica contava um total de 43 Caixas de Compensação, agrupando 3.841 firmas, ocupando 525.000 assalariados e distribuindo anualmente mais de 86 milhões de francos».

Um ano depois, «em 1930, o montante dos subsídios familiares atinge 225 milhões de francos por uma população de 800.000 assalariados».

Estes números falam por si acerca da compreensão patronal das necessidades sociais do operariado, que sem imposições, intimativas ou receio de sanções, lhes prepara voluntariamente um clima de vida mais digno e desafogado.

Gosto de tocar nesta tecla, por me parecer que só o sentimento e o coração bastam, tantas vezes, para fazer milagres e remover montanhas: tudo foi possível porque na iniciativa dos patrões foi sentida a família dos seus servidores.

Na Bélgica o primeiro passo para a generalização do sistema foi dado através da lei de 4 de Agosto de 1930, que o tornou obrigatório no país.

Valendo-nos, ainda, da obra de Bonvoisin não resistimos à tentação de focar dois aspectos.

O primeiro refere-se à atitude socialista em face do movimento dos subsídios familiares.

Tratava-se de uma conquista deslumbrante na esfera das reivindicações sociais.

Mas como o socialismo não tinha sido o criador da instituição e esta provinha do campo da Igreja Católica, que encontrara em Leão XIII, a ideia força do salário familiar, como se exprime Severino Aznar, vai daí a hostilidade dos seus dirigentes contra o movimento.

Diz aquele autor:

«Citemos a palavra de um militante socialista num Congresso havido na casa do povo de Bruxelas:

«O subsídio familiar nada me diz que valha, visto ser uma intervenção patronal; não há dúvida nenhuma que os

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: **Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas** :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« **A MUNDIAL** »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

O Slogan ao serviço da publicidade

« Boletim Social da TEBE » tem um slogan para cada caso publicitário.

Consulte-nos... ficará satisfeito.

Basta escrever: O Slogan — Campo 5 de Outubro, 39
BARCELOS

camaradas beneficiando dos subsídios familiares serão mais rebeldes aos movimentos da greve. A nossa luta será terrivelmente pesada».

De facto esta afirmação só por si, diz tudo. Ódio aos patrões, luta de classes. A «luta será terrivelmente pesada», isto quer dizer que através da instituição patronal dos subsídios familiares de inspiração cristã, os socialistas sentiam que o terreno lhes fugia.

O outro aspecto refere-se mais uma vez ao que chamo: **A FAMÍLIA DOS TRABALHADORES NA CONSCIÊNCIA DOS PATRÕES.**

Ouçamos, de novo Bonvoisin e Maignan: «da mesma forma que em França a iniciativa patronal, procurando aperfeiçoar a sua acção, para novas vantagens conceder às famílias operárias, mostrou-se até aqui desejosa de conservar à instituição o quadro de liberdade em que nasceu e onde com tanta felicidade se desenvolveu.

É assim que no congresso promovido pelas Caixas Belgas de subsídios Familiares, em 1924, M. Henri Lechat, presidente da Comité das Caixas de Compensação da Bélgica podia dizer, dirigindo-se ao ministro do Trabalho:

«Os homens que tendes diante de vós falando hoje com o conhecimento da tarefa que cumpriram e a consciência daquela que resta para cumprir, ousam dizer ao governo:

Que o Estado tome sobre si o estudo da Previdência Social. Que nos deixe, sob a nossa responsabilidade, a obra de sustentar os filhos dos nossos operários no trabalho. Assim senhor Ministro, não vos pedimos senão uma coisa: autorização para nada vos pedir».

Entretanto, desejoso de acelerar a generalização completa do sistema, o Governo Belga apresentou também um projecto para tornar obrigatória a adesão de todas as empresas a uma Caixa de Compensação».

Aqui temos, pois, o que foi também na Bélgica a iniciativa patronal no sentido de remunerar os trabalhadores, sem esquecer os encargos familiares.

Em todos os outros países as medidas tomadas, dignas de nota, foram-no quase sempre por via governativa. Aqui e acolá alguns casos isolados, manifestações dispersas de consciência patronal.

Na Itália os subsídios familiares introduzem-se em 1934, através dum contrato colectivo de trabalho. Em 1936 o sistema torna-se obrigatório pelo decreto de 21 de Agosto.

Na Hungria apesar do apêlo dirigido pelo então Ministro da Indústria às actividades patronais, pedindo-lhes que por sua iniciativa promovessem a política dos subsídios familiares para os não tornar obrigatórios por lei, são decretados em 28 de Dezembro de 1938.

Na Espanha o regime dos subsídios familiares tem por base fundamental a lei de 18 de Julho de 1938.

Na Alemanha adopta-se o sistema por iniciativa patronal a partir dos fins da guerra de 1914 para afrouxar de entusiasmo e diminuir o campo de aplicação a seguir a 1924.

De 1935 em diante legisla-se nesse sentido com finalidade de carácter demográfico.

Na Holanda onde os subsídios familiares por iniciativa particular obtiveram algum êxito, estabeleceu-se o regime legal a partir de 1939.

O Japão enfileira neste género de política familiar desde 16 de Fevereiro de 1940. E assim por diante.

(Continua no próximo número)

Traços das Artes e das Letras

(Continuações da página 8)

FRANQUEIRA

Acedeu o Adiantado, e com grande parte da sua gente de guerra, levando o Alcaide-mor prisioneiro, dirigiu-se para o Castelo de Faria, onde, dentro em breve, pensava ver tremular, sobre as ameias, o pendão de Castela.

E Nuno Gonçalves, junto dos muros falou com o moço alcaide:

Filho, bem sabes como esse castello me foi dado por el-Rei Dom Fernando meu senhor, que o tevesse por elle, e lhe fiz por el menagem; e por minha desventura eu sahi delle, cuidando de o servir, e som ora preso em poder de seus emmiigos, os quaaes me trazem para te mandar que lho entregues; e por que esto he cousa que eu fazer nom devo guardando minha lealdade, porem te mando sopena de minha beemçom, que o nom faças, nem ho dees a nenhuuma pessoa, se nom a el-Rei meu senhor que mo deu, ca por te perceber disto, me fize aqui trazer; e por tormentos nem morte que me vejas dar nom ho entregues a outrem, se nom a el-Rei meu senhor, ou a quem to el mandar entregar por seu certo recado.

O A. descrevendo a citânia da Franqueira e a Ermida da Senhora da Franqueira mostramos todo um conjunto de elementos históricos que os achados preciosos no decorrer das escavações atestam e que, graças ao «Grupo dos Alcaides de Faria» se encontram cuidadosamente guardados e catalogados.

Batalha Reis, valor indiscutível na Numária refere-se às moedas do «Grupo dos Alcaides de Faria». Este seguinte período diz bem do valor histórico e da louvável iniciativa de tão simpático grupo:

«A colecção numismática do Museu criado pelo simpático e prestante Grupo dos Alcaides de Faria, de Barcelos, constitui um testemunho de louvável interesse com que esse benemérito grupo procede a bem da sua Terra Natal, o que vem a dizer do seu próprio País».

Enganar-se-á completamente quem, a julgar pelo volume do livro, imaginar tratar-se, numas dezenas de páginas, de um assunto insípido, frio, inerte e de sucinto interesse.

Nada disso! O livro tem jus aos nossos aplausos mais sinceros pois representa, em Barcelos, a vitalidade de uma cultura que o tempo não conseguiu ainda estiolar.

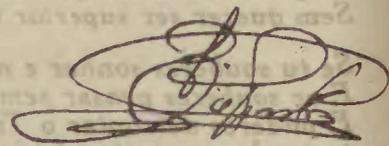
As reais capacidades históricas do Autor merecem bem ser postas em relevo e, ao mesmo tempo, a simplicidade objectiva merece a nossa inteira concordância.

Conflitos e outros contos

Nesta obra, de vincada intenção social, passa um conjunto de paixões, de vícios, de ódios, numa crítica suficientemente humana para não poder ser bem compreendida por toda a gente que ainda se não apercebeu deste eterno desequilíbrio social.

— O desenho da capa é do artista barcelense Gonçalves Torres, que lhe deu uma feição bem representativa, certamente inspirada no conto «Caminhada».

— O aspecto gráfico do livro é primoroso, merecendo os nossos incondicionais aplausos.



FIGURAS DA HISTÓRIA

Dr. João Pinto Ribeiro

Ao recordarmos a história pátria e, particularmente, os fastos da memorável data de 1.º de Dezembro de 1640, um nome se evidencia na pléiade dos homens grandes desse tempo: João Pinto Ribeiro.

Oriundo de Amarante, embora houvesse nascido em Lisboa, era filho de Manuel Pinto Ribeiro e de Helena Gomes da Silva. Cursou a universidade de Coimbra, onde se for-

mou em leis. Seguindo a magistratura, «foi Juiz de fora em Pinhel, em Ponte do Lima e em outras terras, até que aceitou o cargo de ser em Lisboa agente dos negócios da casa de Bragança».

A acção de João Pinto Ribeiro na revolução de 1640 é de uma grandeza de ânimo que vale a pena recordar as frases que o historiador alemão Henrique Schaefer lhe consagrou: «A 12 de Outu-

O presépio do Natal que o Grupo Recreativo da TEBE fez, constituiu um autêntico êxito

Brevíssima entrevista com o Snr. Manuel de Sousa, presidente deste grupo integrado na F. N. A. T.

—Diga-nos Snr. Sousa: Acha que foi bem acolhida a ideia do presépio no lactário da TEBE?

—Sem dúvida alguma que foi; mas somente para aqueles que sentem gosto por estas manifestações de beleza.

—A gerência da TEBE, como sempre, não lhe negou a mais

estreita colaboração, não é verdade? Mercê desse apoio, o sonho tornou-se realidade. Ficou satisfeito com o êxito do seu presépio?

—Fiquei imensamente satisfeito por uma coisa.

—E qual é essa coisa?

—Essa coisa reside no empe-

bro do ano de 1640 se juntaram, em casa de Antão d'Almada, Miguel de Almeida, o monteiro-mor Jorge de Melo, Pedro de Mendonça e António de Saldanha. Além destes, convidara Miguel de Almeida a João Pinto Ribeiro, procurador da casa de Bragança, assim por ser avaliado por homem de grande talento como por ser agente dos negócios do duque e conseqüentemente muito obrigado a procurar os seus interesses.

Começaram todos a discutir sobre o remédio de tantos males como o reino padecia e a queixarem-se ao duque de Bragança, que era a causa de tanta ruína, não querendo aceitar a coroa que lhe ofereciam, e na coroa as vidas e as liberdades que lhe entregavam. Arguíram-o de remisso e irresoluto. Defendeu-o João Pinto.

Referiu as muitas razões que havia para se não resolver sem grande consideração em matéria tão importante, mostrando os inconvenientes que primeiro se deviam facilitar; concluiu que, se julgavam ser o aclamar o duque o único remédio de tantos males, para que aguardavam o seu consentimento? Que se resolvessem a declará-lo rei de Portugal, porque o duque, vendo-se metido no empenho, antes havia de querer ser rei em continência que vassalo suspeito, sendo mais remoto aquele que este perigo. Todos os que ouviram Pinto se afeiçoaram à sua opinião; porém, assentaram que se fizesse, primeiro, aviso ao duque, persuadindo-o com mais vivas instâncias a que aceitasse a coroa; e, quando ele duvidasse, se egeria o segundo partido de o aclamar sem seu consentimento, ou outro qualquer que parecesse mais útil e mais breve, porque eram já tantos os que sabiam esta resolução que, na quebra do segredo, perigava muito o sucesso dela. Persuadiram todos a João Pinto que fosse a Vila Viçosa para induzir o duque a aceitar a coroa».

Como se viu através do que atrás se escreveu, João Pinto Ribeiro era um espírito culto, de persuasão convincente, cheio de argumentação concludente, o que lhe valeu papel preponderante na luta pela independência. A sua palavra fluente



João Pinto Ribeiro

e límpida transmitia tranquilidade e confiança.

«Ao amanhecer do dia determinado, deu-se notícia do alevante a todos quantos haviam de, na empresa, ajudar como companheiros na comitiva dos quarenta fidalgos conjurados, sem que esses soubessem mais do que ser chamados por estes. À pergunta: o que haveriam fazer?, deu Pinto Ribeiro tranquilamente esta resposta:

bagatela: depôr um rei e pôr outro em seu lugar». Mais tarde, depois dos acontecimentos políticos da consolidação da independência, João Pinto Ribeiro é nomeado desembargador do Paço. Em seguida é-lhe entregue a Torre de Tombo onde a sua acção se fez notar.

João Pinto Ribeiro viveu apenas mais nove anos (após a consolidação de independência) dedicando-se a escrever, pois a sua pena, além de brilhante era também sagaz e activa, conseguindo legar-nos as seguintes obras:

Usurpação, Retenção e Restauração de Portugal.

«Era tido na conta não só de homem de alto engenho,

nho sincero de recompensar, com o meu triunfo, a boa vontade da gerência, bem como a de alguns empregados superiores, oferecendo-lhes os louros que o meu modesto trabalho conquistou.

—Diga-nos ainda: O júri foi íntegro e imparcial na classificação do presépio?

Certamente que me vai dizer que sim! E eu acredito plenamente, dada a projecção dos nomes que o compõem. O júri —abstraindo a atenção do presépio—deveria ter apreciado também a originalidade da sua criação: a lareira.

Não lhe parece?

—Se mo permite deixarei para último lugar a resposta a essa pergunta.

—O público compreendeu o esforço dispendido nesta cruzada, não é verdade? Deveria sentir que algo de novo vai surgindo para mostrar a beleza das nossas tradições.

Ou viu apenas o presépio como um amontoado de cores e de bonecos? Seja franco e diga o que sente, não nos escondendo as mais desconcertantes conclusões. O meu amigo devia ter vivido bem esse ambiente quando da visita que o público fez ao presépio?

—Acredite, Snr. Director, que me senti satisfeito com a opinião geral das pessoas (todas as categorias) que visitaram o presépio. Na realidade, o nosso presépio era, de certo modo, bastante invulgar e diferente de todos os outros que tenho visto.

Emprestei-lhe um cunho especial, dando-lhe todo o meu sentir interior, razão porque entusiasmou a sensibilidade dos visitantes e do júri.

O nosso presépio era daqueles que convidava à meditação e ao recolhimento.

—Estou imensamente satisfeito com a sua equilibradíssima argumentação.

Gostaríamos que informasse os leitores deste «Boletim» como sentiu o prémio do seu

mas escritor vernáculo e correctíssimo».

Este homem, exemplo vivo das mais altas virtudes e da prudência, teve uma acção preponderante na conquista da liberdade lusa. A Pátria deve contá-lo como um dos seus filhos queridos.

A luz dos seus olhos perdeu-se, para sempre, no dia 11 de Agosto de 1649.

A cidade de Pinhel testemunha-lhe a sua memória com uma lápide na casa onde dizem que viveu enquanto permaneceu nessa terra. E todos os anos, no dia 1 de Dezembro, a sua memória é lembrada como homenagem justíssima a um homem que advogou, com inteligência e cautela, os direitos da casa de Bragança.

António Baptista

labor apaixonado. Pois bem sabemos que só a paixão pode criar obras e o meu amigo criou algo que perdurará nas retinas de muita gente.

Mas diga-nos, Snr. Sousa: o prémio que lhe atribuíram foi sem dúvida a recompensa mais acertada para o seu labor desinteressado, não é verdade?

—Não contava com tanto; mas quando me lancei ao trabalho, fi-lo na intensão de elevar o nome da nossa fábrica e conquistar ao menos uma menção honrosa.

—Para fechar esta troca de impressões, muito gostaríamos que o Snr. Sousa deixasse aqui no «Boletim Social da TEBE» tudo que pensa acerca do grande êxito deste concurso dos presépios integrado na F. N. A. T.

—O concurso de presépios da F. N. A. T. não teve na realidade outro fim que não fosse o de fazer reviver a sublime Tradição do Presépio.

E quando esse objectivo for atingido, então sim, será o maior êxito espiritual para a acção renovadora que a F. N. A. T. se propõe alcançar.

—Gostaríamos de publicar a fotogravura do presépio neste número, porém a falta de tempo não no-lo permitiu.

—O Snr. Sousa, é verdade, ainda não respondeu a uma das nossas anteriores perguntas. Faça o favor de dizer o que pensa.

—Permita-me, Snr. Director, que lhe diga que a imparcialidade do júri está bem esclarecida nos nomes que o formam: Dr. Ilídio Neves, Cónego Martins Gonçalves e Prof. Mota Leite. Como vê estes nomes são suficientemente esclarecedores para concretizarem a justiça do prémio do nosso Presépio. Pelo que ouvi do júri, durante a minuciosa visita e apreciação, o que, certamente, mais os sensibilizou foi a colocação das imagens. Elas estavam integradas numa ordem perfeitamente equilibrada.

Se visse como o júri analisou todos os pormenores do Presépio, não lhe deviam restar dúvidas — como sei que lhe não restam — quanto à concepção e perfeição do Presépio.

Também quero notar que as figuras do nosso Presépio eram quase todas inéditas.

Entenda-se bem este «inéditas». Quero dizer, concebidas com o máximo de realidade...

Quanto à lareira, ela apenas criou admiração nos membros do júri, possivelmente pela graça inédita do seu conjunto.

Posso-lhe garantir que a lareira em nada influiu quanto à classificação do júri.

—«Boletim Social da TEBE» felicita os organizadores de tão simpático concurso fazendo votos para que o Snr. Sousa continue nas suas iniciativas a bem das tradições, pois elas são o elo que liga o passado ao presente.

Os Bombeiros V. de Barcelos

no 73.º aniversário da sua inauguração



Ex.º Sr. Dr. José Ferreira Gomes
Presidente da Direcção

FALAR dos Bombeiros de Barcelos, falar da sua história, das suas tradições, dos seus rasgos de heroísmo desinteressado, dos seus gestos e atitudes altruístas, não é repetir demasiado um assunto banal.

Não é sem emoção que afirmamos a nossa mais profunda admiração pelos Bombeiros Voluntários, homens que desprezam comodidades, que se desligam de sentimentos piegas, que arrastam com o perigo que abraçam o sacrifício em defesa de homens seus irmãos, mas homens desconhecidos, a

maior parte das vezes. Onde há um apelo, onde há um brado de socorro, logo os bombeiros, prontos, amigos, abnegados, surgem para salvar, para socorrer, sem outro ideal, sem outra ambição que não seja a de prestar todo o seu auxílio e todo o seu saber e experiência para remediar ou atalhar o perigo, salvando vidas e haveres.

Na história dos Bombeiros de Portugal, muitas páginas brilhantes têm sido escritas, sem dúvida pelos bombeiros de Barcelos, por isso no dia da sua festa eles tiveram a presença de tantos dos seus admiradores e de muitos e muitos outros, que de longe, lhe enviaram um abraço fraternal.

Passou este ano, no dia 6, mais um aniversário da fundação da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Barcelos. Dos seus fundadores alguns viverão, poucos certamente, mas os barcelenses não esqueceram ainda os seus nomes nem esquecem quanto ficaram a dever a esses homens cheios de entusiasmo e boa-vontade. É grande o número dos que têm servido a Associação dos Bombeiros, uns como voluntários do seu corpo activo, outros como amigos e entusiastas e amigos beneméritos.

Foi um festa brilhante a da comemoração do 73.º aniversário dos Bombeiros de Barcelos. De manhã a festa foi anunciada por uma salva de morteiros. Às 11 horas rezou-se uma missa por alma de todos os fundadores e Bombeiros falecidos, seguindo as Corporações em desfile ao Cemitério numa romagem de saudade.

À tarde pelas 15 horas foi solenemente benzida a nova bandeira, oferta dos padrinhos Ex.ª Sr.ª D. Maria da Glória Duarte Coutinho e Ex.º Sr. Engenheiro João Augusto Vieira Duarte.



Ex.º Sr. Manuel Pereira da Quinta Júnior
1.º Comandante

Seguidamente as corporações presentes marcharam até junto ao monumento ao bombeiro onde o Comandante Quintas, num gesto cheio de significado, entregou um lindo ramo de flores ao Snr. Cap. António Miranda, comandante dos V. do Porto que, por sua vez, o colocou na base do monumento.

Continuando a ordem do programa, fez-se uma romagem, como estava anunciado, às campas das vítimas no trágico desastre de Esposende. O Comandante Quintas prestou a sua homenagem num breve mas sincero discurso.

Durante a noite

Como é de tradição, realizou-se à noite, a ceia de confraternização onde se sentaram além das autoridades civis e religiosas, os presidentes das Direcções das corporações locais, bem como os comandantes de Barcelos e Barcelinhos, corporações vizinhas, e gente de todas as condições sociais.

Falaram vários oradores, focando, quase todos, a acção humanitária dos valorosos bombeiros.

Por último e para fechar a série de brindes, usou da palavra o Presidente da Direcção, Dr. Ferreira Gomes que fez a apologia dos grandes beneméritos, destacando as figuras relevantes do Ex.º Sr. João Duarte e Manuel Vieira. Citou outros nomes da já grande lista dos beneméritos.

Condecorações

Foram condecorados os seguintes bombeiros: Henrique António da Costa Correia, Armando Lemos e Manuel José de Carvalho.

Homenagem a beneméritos

Pelo Snr. Dr. Joaquim Neiva de Oliveira foi descerrada a fotografia de sua tia, Sr.ª D. Domingas Manuela Torres Neiva, e a do Senhor Campos Henriques pelo director deste «Boletim» Snr. António Baptista.

Oradores da noite

Foram oradores os seguintes Senhores: Dr. Lima Torres, Capitão



Ex.º Sr. Mário Campos Henriques
Vice-Presidente da Direcção

Secção Desportiva

SAUDAÇÃO

No limiar de mais um ano, Clube Desportivo da TEBE e «Boletim Social da TEBE», saudam todos os clubes e entidades desportivas, augurando-lhes muitas prosperidades.

FUTEBOL

Por Adriano Faria

As últimas jornadas têm desbaratado completamente as classificações gerais dos clubes.

Com a derrota do Gil Vicente perante o Sp. de Braga, deu início o clube Barcelense a um retrocesso, que não o afastou da possibilidade de participar na fase final, mas complicou muito. Na Marinha Grande, voltou a capitular e de maneira estrondosa, custando-lhe estas derrotas ser ultrapassado pelo Braga, Leixões e Boavista.

Tem em contra partida algumas jor-

nadas fáceis, com os que mais de perto o antecedem.

Praticamente o Vitória de Guimarães e Salgueiros, têm a sua classificação definida e do lote, Braga, Leixões, Boavista e Gil Vicente sairá o terceiro.

Na cauda, União de Coimbra e Desportivo de Chaves têm permutado, mas os flavienses parecem condenados, a transportarem a «lanterna vermelha».

São poucas as jornadas que faltam e daqui ao final, será tudo um «ar de de sorte».

Todos unidos... Venceremos

De facto assim é... Quando da visita do Sporting de Braga a Barcelos, para o desafio que atrafu a maior enchente de todos os tempos, ao velho Campo A. Ribeiro Novo, viam-se nas mãos dos adeptos gilistas, umas flâmulas onde se lia: todos unidos... venceremos.

Nas ruas antes do desafio, era enorme o entusiasmo de Barcelenses e Bracarenses. No campo mudaram as coisas (infelizmente). Enquanto se ouvia a assistência de Braga incitar o seu clube, de início até fim, os gilistas emudeceram.

Um único Gil... não é bastante para elevar a força de vontade dos atletas, num desafio quase decisivo. Necessário se torna, que se anime a equipa com confiança e então — Todos unidos... Venceremos.

TRIBUNA DOS NOVOS

Imagem

*Como um profeta ando... em busca d'encontrar
Um pregador que mostre, enfim, toda a verdade
E pasmo a cada passo por nunca desvendar
O trilho da justiça... p'ra toda a humanidade.*

*Se Cristo, Senhor Nosso, foi justo e pregador
Se disse a todo o mundo palavras de ternura
Porque será que agora... já não existe amor
E quando alguém fala... só fala sem doçura.*

*Se Cristo, novamente, viesse, enfim, à terra,
Talvez já convencido de mais outro calvário...
O mundo mesmo assim gizava nova guerra
E um sangue inocente... formava outro sudário.*

*Nós somos podridão... em hálitos de dor
Não temos a razão... das coisas divinais
Descemos a baixezas porque nos falta amor
E força de vontade... p'ra sermos imortais.*

Lisboa, 1957

Luis de Assunção Matos

António Miranda; Comandante Carlos Martins; Comendador Filipe Bandeira; Augusto Soucasaux; Arcipreste substituto, P.º Rios Novais; Comandante dos bombeiros de Ermesinde, Capas Peneda; Dr. Novais Machado, Presidente do Município local; Dr. Joaquim N. de Oliveira e por último, como acima dissemos, o Snr. Dr. José Ferreira Gomes, Presidente da Direcção.

N. R. — Não nos alongamos mais por a imprensa diária o ter feito já na devida oportunidade. Porém não gostaríamos deixar passar este acontecimento sem o arquivar nas nossas colunas.

CURIOSIDADES

Compiladas por F. E.

Apesar da proibição da F.I.F.A., o Honved jogou no Brasil, perdendo com o Flamengo por 6-4, no primeiro encontro.

Sua Magestade Isabel II de Inglaterra é Comodoro Honorário do Clube Naval de Lisboa.

Bill Russel «estrela» do Basquetebol americano, recebeu um convite para ingressar nos célebres «Globetrotters», convite este que incluía a a «módica» oferta de 30.000 dólares, (aproximadamente 840 contos).

Com 2,18^m Jean Claude é o primeiro gigante do basquetebol francês. Anão, não?!...

Os portugueses João Capucho e José Merédia, devem concorrer ao campeonato Sul-Americano de vela «Stars», a realizar de 24 de Janeiro a 1 de Março, na Baía de Guanabará, Rio de Janeiro.

NOTICIÁRIO

ANIVERSÁRIO

Comemorou no passado dia 1 de Janeiro, o Vitória Sport Clube de Barcelinhos, o XVI aniversário da sua fundação.

Do programa extraímos as principais festividades.

De manhã

Às 10 horas, celebrou-se na igreja paroquial de Barcelinhos uma missa, sufragando todos os Atletas, Sócios e Benfeitores. Estranhámos a ausência da maioria dos sócios, aliás como em todas as restantes organizações festivas. Na altura própria, proferiu uma alocução breve o Rev. Pároco, agradecendo aos directores do Vitória a maneira briosa como se têm conduzido, exortando uma união mais vinçada, a Bem do Desporto.

Seguiu-se uma prova de «Cross», num percurso que compreendia uma volta a Barcelinhos. A meta foi colocada no Largo Guilherme Gomes Fernandes. O percurso foi pequeno, não se podendo apreciar as reais qualidades dos atletas. Partiram 10 concorrentes, desistindo um.

A classificação, até ao 3.º classificado, ficou assim estabelecida:

1.º — Guilherme P. Costa (Desportivo de Barcelinhos).

2.º — Martinho Figueiredo (G. Desportivo Badem Powell — Escuteiros).

3.º — António M. Costa.

Ao primeiro foi entregue uma taça e aos restantes medalhas.

De tarde

Foi difícil cumprir o programa devido à chuva, mas mesmo assim, no Parque da Cidade às 15 horas, realizou-se um desafio de futebol em patins, entre as equipas júniores e séniores. Seguindo-se o encontro de oquei entre as mesmas equipas.

A chuva teimava em cair, tornando o rink mais do que impraticável.

O resultado final foi de 4-4. Até poucos minutos do fim, os júniores, que se adaptaram melhor ao rink, venciam com mérito. Nesta altura, lograram os séniores, contra a corrente do jogo, empatar, resultado com que terminou. O troféu «Alfredo Saramago de Oliveira», que se disputava neste encontro, ficou para se disputar em data a designar.

A noite, na sede efectuou-se uma reunião «familiar» na qual foi entre-

gue ao Presidente da Direcção, Padre Joaquim Peixoto a Taça Big-Ben oferta da Papelaria Liz.

Aos brindes, falou o Presidente da Direcção que agradeceu a maneira desportiva como os atletas se vêm comportando, lembrando-lhes o significado da palavra desportista. Falaram em seguida os Snrs. José Pimental do Vale, representante do B. S. da TEBE e o treinador do Clube Alfredo Saramago.

«Boletim Social da TEBE» cumprimenta o Vitória, desejando-lhe as melhores felicidades.

W. Esteves

Festa de despedida

Com um desafio treino, entre o Oquei C. Barcelos e Clube Desportivo da TEBE, efectuou-se no passado dia 30 de Dezembro, uma homenagem ao atleta daquele clube, Carlos Querido que brevemente parte para o Brasil. Pouca assistência e péssima organização, contribuíram para que não fosse aquilo que Querido merecia. Mas dum clube que atravessa grande crise directiva, não se pode estranhar.

Foi o nosso clube obrigado a jogadores de recurso, por o convite (particular) ter sido feito poucas horas antes do jogo e já com os programas distribuídos!

Ganhou o Clube D. da TEBE folgadoamente, mas não era o resultado em si, o que nos levou ao jogo.

Que Querido seja feliz, são os nossos desejos.

F. E.

Columbófilia

Para início da campanha deste ano e comemoração do 20.º aniversário de campanhas desportivas, efectuou no passado dia 20 de Janeiro, a Sociedade Columbófila Barcelense, uma solta, no Campo da Feira.

No passado dia 27, levou a efeito esta sociedade o 1.º treino — Nine.

A entrega de pombos é feita aos sábados, das 21 às 23 horas.

Vida Literária

O artigo que inserimos neste número com o título de «Vida Literária» foi transcrito com a devida vénia de «Bro-téria».

Máquinas de escrever

OLYMPIA

AGÊNCIA:

PAPELARIA «LIZ»

Mecânico e vendedor autorizado:

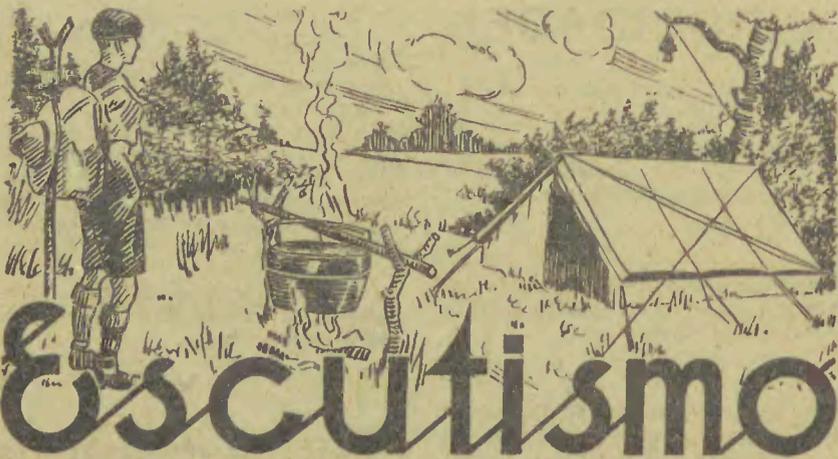
Fernando Aurélio A. Pereira

Leia

Divulgue

Estime

«Boletim Social da TEBE»... Uma certeza no presente... a bem duma certeza no futuro.



O Escutismo em Barcelos — Seu desenvolvimento e fases de actividade

Por JAIME FERREIRA

FOI em 25 de Janeiro de 1925, que em Barcelos se fundou o primeiro Núcleo escutista. Foram seus organizadores principais e dedicados chefes os Snrs. Padre Joaquim Alexandre Gaiolas, Prior de Barcelos, Conde Vilas Boas, D. Fernando de Magalhães e Meneses, Manuel dos Anjos Lebreiro, Cândido Pimenta e Sargento António L. Gonçalves Fernandes.

Um ano depois em 1 de Fevereiro de 1926 foi filiado o Grupo n.º 13, com a denominação de «Alcaide de Faria», na Junta Central. A sua actividade teve uma continuidade regular durante cerca de 3 anos, sendo chefe Cândido Pimenta e instrutor o sargento Fernandes.

O seu campo privativo de instrução estava instalado na Cêrca do Hospital da Misericórdia.

Foram várias as deslocações, bivaques e acampamentos que o Grupo n.º 13 efectuou até 1929.

Um facto a assinalar neste período de tempo foi a deslocação a Cacia — Aveiro onde tomaram parte no II Acampamento Nacional, os seguintes elementos de então:

Chefe — P.º Joaquim Alexandre Gaiolas.

Lobitos — José Augusto Landolt de Sousa, Manuel Arménio P. da Silva Corrêa e Marcelo Serrão da Veiga Júnior.

Escuteiros — João Pereira da Silva Corrêa, Joaquim Rodrigues da Silva e João Ferreira Lemos.

Por razões de ordem vária o Grupo afrouxou as suas actividades a partir de 1929 e até cerca de 1935.

Aparaceram então novos elementos dispostos a reorganizar o Grupo n.º 13, constituindo uma comissão de que faziam parte:

Chefe: Marcelo Serrão da Veiga; **Chefe-adjunto**: José Luís Correia; **Assistente**: P.º Joaquim Gaiolas; **Secretário**: Aires Augusto da Silva.

Foi feita a promessa na Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, por 30 elementos em 24 de Setembro de 1935 na presença de S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo Auxiliar de Braga.

Além das actividades próprias de um Grupo de Escuteiros, de que falaremos a seu tempo, foi criada, por iniciativa dos dirigentes acima, uma patrulha de Escuteiros na freguesia de Couto de Cambezes, que ficou sendo dirigida pelo Sr. Tomás de Oliveira, e tomou parte no Congresso Eucarístico Nacional, em Braga, onde prestou relevantes serviços.

Entramos na 3.ª fase da vida do Grupo n.º 13. Por motivo da retirada da maior parte dos seus elementos principais, reorganizou-se o Grupo, devido aos esforços de Manuel Pereira Alves, Rodrigo Pereira de Faria, Ilídio Eurico Gomes, José Alves Nogueira, Carlos Gonçalves Pereira, Isolino Pereira Alves e outros sob a protecção assistencial do Prior Rev. P.º Gaiolas.

Foi assim composta a direcção, cuja promessa foi feita na Matriz em 25 de Maio de 1939:

Chefe: Henrique Manuel Vaz; **Chefes-adjuntos**: Manuel Pereira Alves e Ilídio Gomes; **Secretário**: José Alves Nogueira, juntamente com mais 20 escuteiros na presença do Delegado da Junta Regional de Braga.

As suas actividades foram bastantes e elevadas.

Surge-nos a 4.ª fase que vai de 1943 a 1946, sendo nomeados: **Chefe**, José Luís Correia e **Adjunto**, Eduardo Landolt, sempre sob a égide assistencial do seu Rev. Prior Padre Joaquim Gaiolas.

Em 9 de Julho de 1944 fizeram a promessa na Matriz 15 escuteiros e diversos Lobitos, na presença da Junta Regional de Braga e da Junta Local de Guimarães, assim como de Grupos daquelas cidades e ainda de Fimalicão, Póvoa de Varzim e Barrocelas.

Realizou-se uma magnífica concentração na Cêrca do Hospital da Misericórdia e desfile pelas ruas da cidade.

De 1943 a 1946 efectuaram-se 17 acampamentos, 14 visitas de estudo, 4 bivaques, 5 excursões montanhistas e diversas concentrações em diversas vilas e aldeias do Distrito.

Tomaram parte no 7.º Acam-

Miscelânea

Sabedoria do povo

Frango de Janeiro canta à meia noite em ponto.

— Janeiro fora, mais uma hora e quem bem contar, uma hora e meia há-de achar.

— Não há luar como o de Janeiro, nem amor como o primeiro.

— Quem azeite colhe antes de Janeiro, azeite deixa no madeiro.

Algumas máximas sobre o egoísmo

A insensibilidade do egoísmo tem muitas vezes o nome de filosofia. — Condorcet

O egoísmo deseja, não ama. Não conhece mais do que a satisfação de receber e não as infáveis alegrias de dar.

René de Pont-Jarf

Quem vive só para si, para pouco vive. — De Lingrée

O egoísmo pode tornar-nos felizes durante uma 2 horas ou um dia, mas faz-nos desditosos durante a vida inteira.

Montegazza

A poesia na esperança

Usa sonhar venturas

A crédula esperança;

Só entre mortais cinzas

No túmulo descansa.

A estupidez vista por Camilo Castelo Branco

Os estúpidos guerreiam bárbaramente o talento: são os vândalos do mundo espiritual.

António feijó descreve o exílio com a voz da alma

Aquele que vive expatriado,

Embora esteja no verdor da idade,

Traz negros os sentidos, e enlutado

O coração nas trevas da saudade.

pamento Nacional de Tomar de 9 a 19 de Agosto de 1946, os seguintes escuteiros: Licínio Santos, António Tavares Fernandes (dirigente) Carlos Valença (Lobito) António de Jesus Barbosa e Lúcio Martins (Caminheiros) sob a chefia de José Luís Correia e secretariados por Ilídio Eurico Gomes. Foi assistente o P.º Agostinho. Visitaram Santa Maria do Olival, Convento de Cristo e Castelo dos Templários. Foram em peregrinação a Fátima e nos Campeonatos do C. N. E. tiveram actuação brilhante.

Em 20 de Outubro de 1947 e na presença do Secretário Regional de Braga fizeram a promessa solene na Igreja Matriz, a seguinte direcção do Grupo número 13:

Chefe, Licínio Carlos dos Santos; **Adjunto**, Alcino Ferreira da Cunha; **Secretário**, António Tavares Fernandes; **Adjunto**, Eduardo Landolt; **Instrutor**, Adriano Simões Ramos; **Assistente**, P.º Agostinho. Foi nomeado chefe de 1.ª secção o caminheiro Ilídio Eurico Gomes.

Foi neste ano de 1947 que foi criada a *Junta Local de Barcelos*, com a seguinte Direcção:

Chefe, José Luís Correia; **Secretário**, Ilídio Eurico Gomes e **Assistente**, P.º Alfredo Martins da Rocha. A sua sede foi instalada no 1.º andar da Associação de Socorros Mútuos, em Barcelinhos. Nos primeiros três anos, fundou esta Junta, duas unidades: A Alcateia n.º 63, D. António Barroso, de Barcelinhos e o Grupo n.º 142, Nossa Senhora da Aparecida, de Balugães cujos trabalhos de organização foram confiados ao secretário Ilídio Eurico Gomes.

Além dos serviços que prestou na Alcateia como seu chefe e principal impulsor, deslocava-se nos fins de semana, (durante cerca de 6 meses) a Balugães a fim de orientar a organização do novo grupo. Ainda se tentou criar uma Alcateia em Tamel S. Veríssimo, mas os esforços daquele elemento foram baldados, devido ao desinteresse dos indigitados dirigentes para essa nova unidade.

(Continua no próximo número)

Vida Literária

(Continuação da página 1)

Livro atravessado de intuições fulgurantes — geniais, por vezes — mas a que falta a consistência de um sólido suporte racional e documental. Livro — em parte, por isso mesmo — abundante em afirmações arbitrárias ou incompletas. (Tão arbitrárias ou incompletas que, não raro, as vemos entrar pelo campo da heresia). Livro, na verdade, muito mais de um ensaísta — o que ele sempre foi — que de um filósofo rigoroso — cousa que ele abominava ser.

A Bíblia e a Cabala, a magia e o ocultismo, a revelação de Manes e a revelação de Hermes Trimegisto, Tolstói e Dostoievski, Nietzsche e Soloviev e, muito principalmente, Mestre Eckhart e Jacob Boehme — Mestre Eckhart e a *Gottheit*, Jacob Boehme e o *Ungrund* — e os seus discípulos Angelus Silesius e Fr. Baader, eis as fontes desta obra.

Daí esse pensamento compósito, correspondente à índole temperamental do autor, muito mais dialéctica que metafísica, muito mais intuitiva que discursiva, muito mais apocalíptica que demonstrativa. Visionário e profeta, Berdiaev deixa subsistir os contrários sem preocupação de os resolver, sequer de os clarificar, a sério — ainda a melhor maneira de os resolver. E assim, logo no começo, alternam as confissões de dualismo e de monismo — um e outro no ponto mais extremo —, de gnose e de cristianismo, de panteísmo e de personalismo:

“Je confesse presque un dualisme manichéen. Qu'il en soit ainsi. «Le monde» est le mal, il est sans Dieu, et n'a pas été créé par Dieu. Il faut sortir de ce «monde», le surmonter jusqu'à la fin; le monde doit brûler, il est de la nature d'Ahriman. Être délivré du «mond» — c'est là le thème de mon livre. Il existe un principe objectif du mal, contre lequel il faut mener un combat héroïque. La nécessité mondiale, la donnée mondiale — sont d'Ahriman. A elles s'opposent la liberté dans l'esprit, la vie dans l'amour divin, la vie dans le Plérôme. Je confesse ici presque un monisme panthéistique. Le monde est divin par sa nature, l'homme est divin par sa nature. Le processus mondial est l'autodécouverte de la divinité, il s'accomplit à l'intérieur de la divinité. Dieu est immanent à l'homme et au monde. L'homme et le monde, sont immanents à Dieu. Tout ce qui s'accomplit avec l'homme s'accomplit avec Dieu. Il n'existe pas de dualisme de la nature — divine et extra-divine réalisant une transcendance de Dieu par rapport au monde et à l'homme” (p. 36).

Porém — diga-se em abono da verdade — o desenrolar desta longa meditação apaixonada — mas a que falta rigor e precisão — dirige-se antes, ao menos intencionalmente, num sentido de liberdade e espontaneidade, de personalização e criação. Nem outra coisa seria de esperar de um pensador para quem a filosofia é arte não ciência, posição não interpretação, “Sophia” não sistema. Daí o esforço constante por suprimir a necessidade em todos os domínios do real. Daí o apelo — explícito ou implícito — à consciencialização de que nos encontramos no limiar de uma nova e última era: a era do Espírito que sucede à era do Pai, da Lei ou do Antigo Testamento, que sucede à era do Filho ou do Pecado e do Resgate. A era do Espírito ou da universal criação.

A criação na filosofia, na religião, na moral, na ascese, na mística no amor, na sociologia, na política, na arte, eis os grandes temas deste “Le sens de la création”. Seria útil acompanhar o autor através de todos e cada um deles, fazendo ressaltar a verdade de certas suas descobertas ou, pelo contrário, indicando os desvios de um pensamento pouco construído, visionário e, por isso mesmo, cheio de ilogismos. Mas é impossível. Impossível e deslocado. Digamos apenas alguma coisa sobre a criação artística uma vez que é nela que melhor se revela o sentido do acto criador, uma vez que é por ela que se modelam as outras formas de criação: “Que ce soit dans le domaine de la science, de la philosophie, de la morale ou de la politique, tout créateur est par quelque côté un artiste. Le Créateur du monde est désigné sous ce terme. L'attente d'une époque créatrice est en vérité celle d'une époque artistique, celle où l'art domine la vie” (p. 290).

“Aquela em que a arte domine a vida: Que quer isto dizer? Isto quer dizer que a arte é evasão para fora do “mundo” da “mediocridade”, do “mal”; que é libertação da necessidade —, essencial do acto criador é superar a necessidade; que é parcial transfiguração da vida. Isto quer dizer que a obra artística “é a criação de um universo, de um cosmos, a revelação da liberdade”. Isto quer dizer — consequentemente — que a criação artística é, por natureza, “ontológica e não psicológica”, teúrgica e não só humana.

Mas aqui reside — sempre residiu até hoje — a sua tragédia. De facto, sempre, na história, grande tem sido a distância entre o

ideal e o real, entre o concebido e o conseguido. Foi concebido um ser, um vivo, e saíu uma forma, uma imagem, um símbolo, uma sombra de ser, uma obra *diferenciada*, “correspondendo a necessidades estéticas definidas”. Tragédia que se deu tanto no paganismo — o espaço fechado da iminência — como no cristianismo — o horizonte aberto da transcendência —; tanto no classicismo, obediente ao cânon das formas perfeitas e acabadas, como no romantismo, revolucionário e iconoclasta, lançado através do símbolo e no sentimento primordial da nostalgia, no sentido do ilimitado e infinito.

Houve dois grandes momentos na história em que essa tragédia se tornou mais evidente: a Renascença e o século XIX.

A Renascença é o tempo da ambiguidade. Nele, pela primeira vez, se afrontaram o ideal pagão, clássico, de perfeição e imanência, e o ideal cristão, romântico, de infinito e transcendência. A Renascença não é — não podia ser — um puro regresso ao mundo antigo, anterior a Cristo: “Après le Christ et la transformation cosmique de la nature humaine, un retour complet aux conceptions antiques n'était plus possible. L'apparition du Christ avait introduit magiquement dans la nature de l'homme le sentiment de son appartenance à deux mondes, et à l'égard de celui-ci, il en était résulté une tristesse profonde” (p. 296). Após três séculos de divisão e de combate — de grandes criações também — a Renascença terminou num fracasso, deixando a nu o “trágico da criação e o seu malentendido profundo”: “A cultura é imprópria para toda a criação religiosa, seja ela pagã ou cristã”.

Como na Renascença se degladiaram paganismo e cristianismo, no século XIX a luta trava-se entre realismo e simbolismo. Luta em campo neutro, a bem dizer. Atitudes extremas: entre uma e outra nada de comum. Mas por caminhos opostos, realismo e simbolismo demonstram a tragédia da criação. O realismo porque, como “adaptação a este mundo” e tendência para a “efectividade”, afasta da própria essência da criação e reduz ao mínimo o poder criador do artista: “Tout arte réaliste doit aboutir à la décadence de l'art et à l'affaiblissement de la force créatrice: puisque l'acte créateur de l'artiste est essentiellement son refus d'accepter “ce monde” tel qu'il est et dans sa difformité: c'est un élan audacieux pour s'en affranchir. L'artiste croit que la beauté est plus réelle que la laideur du monde” (p. 304-305). O simbolismo — Berdiaev distingue um simbolismo eterno, próprio de toda a grande arte, e um simbolismo de escola, sendo este o prolongamento e a exacerbação daquele — o simbolismo porque o acto artístico não pode atingir a realidade essencial. “Le symbole est un pont jeté à partir de l'acte créateur vers une réalité dernière et encore cachée, à laquelle l'art n'accèdera ni dans un sens empirique, ni dans une acception mystique” (p. 306). “Le symbolisme est la création non accomplie, non parvenue à son but ultime” (p. 307). Porque se situou no domínio do cultural. O simbolismo — escola — foi o esforço supremo, ainda dentro desse domínio, para fugir dos caminhos batidos, da *via media*, da forma “deste mundo”. Por isso ele se encontra entre duas épocas: a época cristã do resgate e a época nova, já em devir, da criação, da “teurgia”, do “realismo místico”.

Berdiaev recusa-se tanto a aceitar a fatalidade do eterno retorno dos ciclos e das formas como o desesperar do poder criador do homem. O seu optimismo é um optimismo radical de origem religiosa. A criação é sagrada, por essência. Aquém e além do paganismo e do cristianismo. Ela *pode* ser também expiação do pecado. Na arte pagã pela sujeição às normas que a negam; na arte cristã pelo salto para fora das regras e dos limites. Na realidade, a criação tem que situar-se além da expiação, embora haja de passar por ela. No espaço da beleza. Da beleza que é o fim da arte como é também o fim da vida. Da beleza que é, não um valor cultural, mas sim um valor cósmico e ontológico. Transformar a existência em beleza, eis o imperativo da nova era do espírito. Pela beleza virá a salvação ao mundo, repete Berdiaev depois de Dostoievski.

Mas como? Pela teurgia. Que é, exactamente, a teurgia? A negação da arte a partir da arte, a arte criando um mundo diferente, uma vida diferente, a arte criando a beleza como existência, a arte como poder, como acção conjunta do homem e de Deus. Mas será possível semelhante teurgia? O profeta hesita, por momentos, mas afirma que a própria noção de teurgia é já uma aquisição positiva como é positivo o facto de que “todo o artista verdadeiro experimenta uma sede de teurgia que vive nele como a expressão religiosa da sua arte”.

Como remate, Berdiaev acrescenta que o ideal teúrgico será realizado, não pelo génio latino de plástica nem pelo génio germânico da música mas pelo génio eslavo-russo.

M. ANTUNES

(*) Nicolas Berdiaev — *Le sens de la création. Un essai de justification de l'homme*. Traduit du russe par Lucienne Julien Cain. Préface de Stanislas Fumet. Collection «Textes et études philosophiques». Desclée de Brouwer, 1955.



FRANQUEIRA

DE ANTERO DE FARIA

Opúsc. de 59 páginas. Barcelos, 1956 — 2.^a edição

A «Brotéria», revista contemporânea de cultura, no número de Janeiro deste ano refere-se assim à obra em questão: «Esta monografia, ilustrada com profusão e bem documentada, é um excelente guia elucidativo do Monte da Franqueira, que os turistas, ao passar por Barcelos, não devem deixar de visitar. Bem apresentada, tem ao fim um mapa, onde se indicam os locais, a que se fazem referências neste roteiro».

E nós acrescentaremos que o trabalho de Antero de Faria representa um somatório de estudos, que só a paixão histórica, o entusiasmo bairrista e o culto pelo passado nos podem dar informações valiosas, que serão, para as gerações futuras, indispensáveis e preciosos pontos de referência e fontes de estudo para possíveis publicações congêneres.

Diz-nos o autor que «as breves nótuas que vão seguir-se são destinadas a serem lidas, de um fôlego, pelo turista que à Franqueira pretende dirigir-se».

Com a rápida leitura deste desprezencioso roteiro, ficará o visitante da Franqueira habilitado a desvendar uma parcela do segredo que as pedras que por ali se encontram, tisnadas pelos sóis de tantos séculos, guardam na sua nudez misteriosa.

Embora breves, as nótuas, traduzem o essencial sobre a Franqueira, pois o autor principia por nos dar a situação do Monte da Franqueira, traçando, depois, o perfil histórico do «Convento do Bom Jesus do Monte» para, seguidamente, nos mostrar, com toda a pujança da sua inteligência, as ruínas do Castelo de Faria.

É uma descrição primorosa que vale a pena dar a conhecer alguns trechos do seu conteúdo, como, por exemplo:

«O panorama que se descobre do cimo das muralhas dismanteladas do histórico castelo, reliquias venerandas dos altos feitos de antanho, é grandioso e um dos mais belos do Norte de Portugal».

«Todo o Vale do Cávado, tela de encantadora beleza, exuberante de luz e de cor, é enquadrado pelas longínquas serranias do Gerez que se prolongam para o Norte, numa linha de montanhas até terminar no Oceano».

E mais adiante o A. continua a dar-nos períodos plenos de uma beleza que vale a pena transcrever para gáudio do leitor inteligente e interessado:

«Os fundamentos, que vincadamente se apresentam, assentaram sobre um castro romano que veio ocupar uma povoação castreja pré-romana».

D. Afonso Henriques, com o seu leal aio Egas Moniz, algumas vezes demorou neste Castelo real da Idade-Média.

E as pedras denegridas pelos séculos testemunham uma das páginas mais brilhantes da História Pátria:

«Corria o mês de Fevereiro do ano de 1373 e as hostes de Henrique II de Castela haviam invadido a Terra Portuguesa. Lisboa, assediada, procurava defender-se do ataque inimigo».

E o A., pleno de elementos preciosos, continua a oferecer ao leitor pinceladas de beleza que vale a pena ler e meditar.

Descreve-nos a defesa do castelo, pelo filho do Alcaide de Faria.

Nunca aborrece, embora de todos seja mais ou menos conhecido o célebre episódio que a história registou como um dos mais expressivos feitos da resistência:

«Na ausência do esforçado Alcaide, foi confiado a defesa do Castelo a seu filho Gonçalo Nunes. Suspeitava Nuno Gonçalves que seu filho, com limitados meios de defesa e vendo-o cativo, entregasse ao Adiantado o Castelo em troca da sua liberdade».

Prometeu então o valoroso Alcaide, inclita figura da velha lealdade portuguesa, a Pedro Rodrigues Sarmento que intimaria seu filho, a quem havia investido no governo da fortaleza, a render-se e, para que tal prometimento tivesse execução, o mandasse conduzir até junto das muralhas do Castelo.

(Continua na página 2)

Conflitos e outros contos

DE FERNANDO LOPES

Vol. de 154 páginas. Edição do Autor — Barcelos, 1957

É um livro que nos oferece oito contos, oito casos, oito atitudes, oito informações, traçadas ao longo da vida e da experiência. Talvez por serem gizados num ambiente humano mereçam interesse crescente que atinge maior plenitude no conto «o café», publicado já no «Boletim Social da TEBE».

O «café», cheio de uma lógica forte, mostra-nos o cenário animado no ambiente dum café de província.

O argumento caricatural é de uma felicidade invulgar, o que torna este conto numa autêntica identificação realista e que ajuda a compreender os problemas da mocidade actual, tão alheia aos valores do espírito...

Não nos referiremos, em pormenor, ao estilo do autor que é discutível... Porém uma coisa é certa: «conflitos» representa um cenário positivo e humano que nos mostra a «História de Fino», que é, a bem da verdade, a história de todos os meninos pobres a quem o mundo dos homens senhores fechou todas as portas.

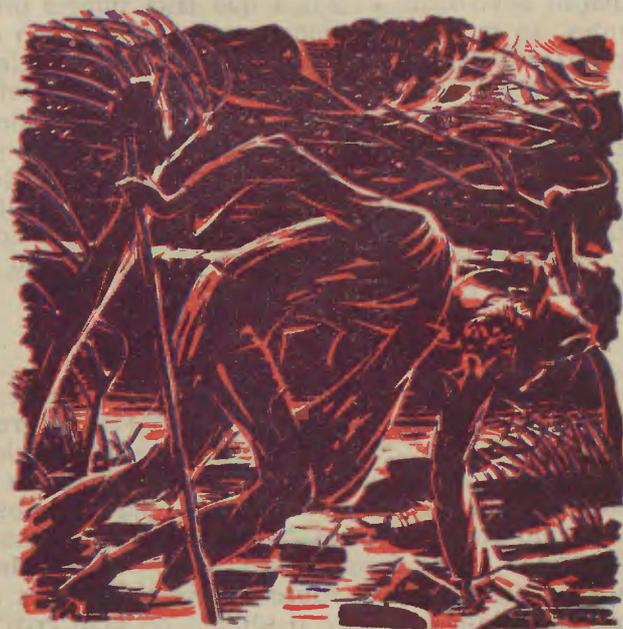
Este conto merece demorada atenção.

O autor escreve, a seguir, «o paliteiro», um conto de sempre, pleno de uma psicologia que nos esmaga quando nos descreve o ambiente familiar que bem se pode adivinhar neste recorte:

«Eu escacho-vos diabos!»

Os filhos mais novinhos encolhem-se num susto. E a filha que já namora, num desastre, corajosa, num segundo em que o medo lhe rouba o tino, levanta a voz para o pai e diz:

— Mas nada! Nada! O pai é que vem mal disposto lá de fora! Só isso!»



Porém «A caminhada» é um conto diferente, feito de ironias acentuadas em que a fome se torna uma visão persistente de várias resultantes universalmente significativas.

Todos os outros contos, moldados na vida e na experiência, são as caminhadas conflituosas da nossa breve passagem pelo mundo.

A ironia, o ridículo, a justeza das deduções e a série de conflitos que compõem este livro foram exauridos na desarmonia da vida em que a exploração do homem continua a ser uma «constante» ao longo da linha de todos os horizontes.

«Conflitos» tem períodos inseguros, algumas insuficiências e limitações; mas para além de tudo isso, dá-nos uma interpretação social, e é neste ponto que mais admiro os contos que formam este livro.

(Continua na página 2)